

Portugal e Brasil: O Intercâmbio Indispensável

Por Mário Soares

Não obstante o número elevado de emigrantes brasileiros que hoje vivem em Portugal - alguns com dupla nacionalidade, bons profissionais e com qualidade intelectual - e ainda do facto do Brasil e Portugal constituírem o motor fundamental da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), tão importante para o futuro, a história de cada um dos nossos países é bastante ignorada no outro. O que não é estimulante para o desenvolvimento das nossas relações.

Portugal, país tradicionalmente de emigrantes - nos séculos dezanove e vinte, levou sucessivas de emigrantes, pelo menos até à guerra mundial de 1939-45, estabeleceram-se no Brasil - lá viveram e trabalharam e alguns puderam regressar ricos para morrerem na terra em que nasceram. Os romances de Camilo estão cheios desses personagens, frequentemente mal tratados pelo nosso grande romancista, que contudo exerceram, com as riquezas que trouxeram e um certo espírito filantrópico, uma acção muito positiva no desenvolvimento do nosso País, principalmente no norte.

Só um exemplo: o Presidente Bernardino Machado, nasceu no Brasil. Obrigou, por isso, para ser eleito, à modificação da Constituição de 1911. Era filho de um "brasileiro" torna viagem, o barão de Joanes, natural da aldeia desse nome, perto de Famalicão, que deu aliás o nome ao título.

Quase não há brasileiro que não tenha uma gota de sangue português. Todos nos dizem isso, com gosto. Por mais evidentes que sejam as suas origens - vindos da Europa Central, da Rússia, de África, do Japão ou da Síria - todos se sentem brasileiros bem integrados e gostam de referir o seu tetravô português.

Há uma corrente de afecto incontestável entre brasileiros e portugueses. Até nas anedotas que correm contadas por uns e atribuídas aos outros, às vezes as mesmas, isso se nota. Um brasileiro em Portugal sente-se em casa. Apesar dos diferentes caminhos a que os condicionalismos geográficos-regionais e históricos nos têm conduzido. É por isso que todo o intercâmbio - entre os Governos e, principalmente, entre os Povos - é salutar e altamente estimulante. Tanto no plano económico - e dos investimentos cruzados - como no das Universidades e Centros Científicos, das Culturas, com tantas raízes comuns, da Ciência, das Artes, das Tecnologias e do Desporto.

A Revolução dos Cravos foi um momento de viragem, paradigmático, no relacionamento entre Portugal e o Brasil. Portugal, por longas décadas considerado no Brasil um país envelhecido e decadente, a remar contra "os ventos da história", isolado na Europa e no Mundo, tornou-se, de repente, um motivo de curiosidade, de atracção - e até de esperança - para os brasileiros. As letras de algumas canções de Chico Buarque, que permanecem nas nossas memórias, são disso a expressão...

Embora boa parte da colónia portuguesa no Brasil, mais influente, seja tradicionalmente conservadora - os "comendadores" e as suas clientelas - com a ajuda interessada dos que fugiram da Revolução e se fixaram no Brasil (então uma Ditadura Militar), tenham procurado denegrir o Portugal de Abril. Mas sem êxito. Porque Portugal estava na corrente da história. E, por outro lado, é de justiça reconhecer que a Revolução dos Cravos teve um percurso pacífico e positivo, consolidando uma democracia pluralista e ocidental, que quebrou o isolamento internacional, estabeleceu relações cordeais com as ex-colónias e negociou nas melhores condições, a adesão de Portugal à CEE, hoje União Europeia.

Uma vez conquistada a democracia nos dois países, salta à vista que é do maior interesse recíproco o desenvolvimento das relações luso-brasileiras, sendo hoje o Brasil uma "potência emergente", com uma influência dominante no Atlântico Sul e não só e Portugal pertencendo a um dos polos mais desenvolvidos do Planeta.

É neste contexto, que a prestigiada Fundação Joaquim Nabuco, com sede no Recife, vai organizar no próximo mês de Junho um Seminário internacional, intitulado "Portugal-Brasil: Ditadura e Democracia - uma homenagem a Álvaro Lins", em que tenciono participar, correspondendo ao amável convite do seu Presidente, Dr. Fernando Lyra.

É provável que alguns leitores desta crónica, não saibam quem foi Joaquim Nabuco nem tão pouco, mais próximo de nós, Álvaro Lins. Permitam-me, por isso, que os esclareça brevemente, para terminar este modesto escrito.

Joaquim Nabuco, que dá o nome a uma das mais prestigiadas fundações Culturais e Cívicas do Brasil, nasceu em 1849 e foi um político de relevo do Império, um orador, um diplomata e um historiador, com uma bibliografia variada e dois livros notabilíssimos: "Um estadista do Império", muito mais do que uma biografia exaustiva de seu Pai, José Tomaz Nabuco de Araújo, também político, muito próximo de D. Pedro II, dá-nos uma panorâmica política do império brasileiro, tão desconhecida em Portugal; e o livro auto-biográfico "A minha formação".

Implantada a República no Brasil, dado o imenso prestígio de Joaquim Nabuco, como combatente em favor do abolicionismo (contra a escravatura, entenda-se) e a sua reconhecida isenção política e pessoal, foi nomeado embaixador em Washington, onde morreu, em 1910.

Álvaro Lins, professor catedrático de Literatura do prestigiado Colégio D. Pedro II, escritor, político e diplomata morreu há trinta e cinco anos, efeméride que o Seminário ora promovido pela Fundação Joaquim Nabuco assinala. Como diplomata foi embaixador do Brasil em Lisboa, de 1956 a 1959, depois de ter sido Chefe da Casa Civil do Presidente Juscelino Kubitschek. Um período político extremamente difícil que abrangeu a campanha do general Humberto Delgado à Presidência da República, a fraude eleitoral que se lhe seguiu e depois, na iminência de ser preso, acabou por se refugiar na Embaixada do Brasil em Lisboa. Álvaro Lins, grande humanista e democrata, nunca cedeu às inúmeras pressões de Salazar, para entregar Delgado. Comportou-se como um homem de honra e de carácter, intemerato amigo de Portugal, do Povo Português e da Democracia.

O seu livro "Missão em Portugal" é hoje ainda uma obra que se lê com paixão pois representa um contributo inestimável para o conhecimento desse período tão negro da nossa história contemporânea. Biógrafo de renome, Álvaro Lins, escreveu uma excelente biografia do Barão de Rio Grande, um livro que ombreia, como notam Gilberto Freire e o académico Tristão de Athayde, com a biografia citada acima de Joaquim Nabuco.

Além de vários livros de crítica literária e política e da sua "História Literária de Eça de Queiroz" e dois volumes de valor inestimável, publicados em parceria com Aurélio Buarque de Holanda, "Roteiro Literário do Brasil e Portugal - antologia da Língua Portuguesa". Um livro de referência, cuja leitura aconselho vivamente.

Lisboa, 31 de Maio de 2005